

Inocentes vivem nas cadeias

Estado tem 23 crianças em presídios. Outras 35 mulheres estão grávidas. Elas vivem em quartos e têm atendimento especial

Érica Vaz

Com passos curtos e desajeitados, a pequena Camilly, de apenas 1 ano, sai do seu quarto e corre cerca de 50 metros por um corredor até se segurar nas grades de um portão metálico. Ela não sabe, mas esse é o limite que a mantém presa junto com a mãe, Jéssica Santiago, 20 anos, condenada por tráfico de drogas.

Camilly é uma das 23 crianças que hoje vivem em presídios do estado com as mães. Outras 35 mulheres estão grávidas e encarceradas. Na Penitenciária Feminina de Cariacica, na região de Bubu, sete mães dormem ao lado do berço do filho, em uma galeria destinada exclusivamente a gestantes e lactantes (mães que amamentam).

Não há celas, mas cinco quartos. Cada um tem duas camas, dois berços e um armário. A galeria da maternidade também possui enfermaria, pátio coberto, brinquedoteca e sala de atendimento, onde as presas recebem orientação de uma equipe formada por assistentes sociais e psicólogos.

“Fui eu que errei, não ela. Não gosto de tê-la aqui, queria estar criando a minha filha do lado de fora”, desabafou Nilzete Jacinta, 37 anos, mãe da Júlia, que hoje completa quatro meses de vida.

Condenada a três anos por tráfico de drogas, Nilzete tem mais oito filhos que estão sendo criados por familiares. “Vim por um mandado em aberto. Estava grávida de cinco meses quando me acharam”.

Já a presa Mônica Cristina Maria, 29, mãe de Thalysson, de três meses, não se conforma com a sua situação. “Em 2001, fui presa por um assalto que não cometi e saí de habeas-corpus. Dez anos depois, bateu um oficial na minha porta com um mandado, dizendo que minha sentença tinha saído. Foi uma bomba”, contou.

Grávida de sete meses, ela não teve tempo de terminar o enxoval e deixou dois filhos pequenos aos cuidados dos avós.

“Já tinha refeito a minha vida, trabalhava como vendedora. Nunca imaginei que teria meu terceiro filho nessa condição. Se Deus permitir, no final do ano volto para casa e meu filho não vai se lembrar desse tempo na prisão”.

“Fui eu que errei, não ela. Não gosto de tê-la aqui, queria estar criando a minha filha do lado de fora”

Nilzete Jacinta, condenada por tráfico



BEBÊS vivem nos presídios femininos com as mães e mulheres grávidas. O ambiente humanizado, com berços e brinquedos, nem lembra uma prisão

CASOS



Filho pastor

Lucas tem apenas 1 ano e 4 meses e, se depender da mãe, a presa Nisdane Machado dos Santos, 34 anos, já tem um futuro. “Meu sonho é que ele seja pastor, para fazer o bem”, disse orgulhosa. “Mais novo, ele teve muitos problemas de saúde. Mas hoje não para quieto, é uma alegria só”, contou a mãe.



Primeira filha

A jovem Jéssica Emily Selfini Santiago, 20 anos, foi presa quando estava grávida de seis meses da primeira filha, Camilly, hoje com 1 ano. “O pai dela também está preso por tráfico. Era ele quem a polícia buscava quando entrou na minha casa e encontrou as drogas”, contou. Agora, ela se prepara para entregar Camilly para uma tia. “Peguei oito anos de prisão. Mas, quando sair, pego a minha filha de volta”.



Mãe de 10 filhos

Apesar de ter 41 anos, Arlete Santos Silva já tinha nove filhos e quatro netos quando ficou grávida de Gabriele, hoje com dois meses. “Não tinha nem um mês de gestação quando fui presa por vender crack”, contou. Agora, com a nova filha, ela quer um rumo diferente na vida: “Fiz muitas besteiras, mas quero mudar por ela e pelos outros filhos”.



Contando os dias

Moradora de rua antes de ser presa por assalto, Priscila de Souza Silva, 25 anos, grávida de oito meses, espera um menino. Com a ajuda das presas, ela montou o enxoval e faz planos: “Aprendo vendo as meninas cuidando dos bebês. É como uma família”.

Lágrimas e desespero no momento da separação

A angústia de uma mãe presa é proporcional ao crescimento do seu bebê. É o sinal de que o tempo de se separar do filho está chegando – um momento de muita lágrima e desespero.

De acordo com a diretora da Penitenciária Feminina de Cariacica, Mônica Tamanini, há uma lei federal que garante aos filhos das presidiárias berçário e creche até os 7 anos. “O problema é que não há no Brasil nenhum presídio com suporte para isso. E as presas também entendem que a prisão não é o local ideal para uma criança crescer”, explicou.

Quando as mães não têm expectativa de sair antes da criança completar seis meses, é comum a entrega dos filhos para os pais ou familiares. “O pai pode ficar com o filho. Mas quando é um outro parente, como avós, tios e irmãos, é o Juizado da Infância que determina quem vai ficar com a guarda e quando a criança vai ser entregue”, explicou Mônica.

Com isso, ainda é possível encontrar crianças de até 1 ano e 4 meses dentro do presídio, aguardando a decisão da Justiça.

A presa Maricele Oliveira Pereira, 30 anos, condenada por tráfico, descobriu que estava grávida dentro da prisão. Hoje, com o filho de dois meses nos braços, ela se prepara para entregá-lo ao pai.

“Vou sofrer, mas vai ser melhor. Meu filho vai ficar perto dos irmãos. Prisão não é casa de ninguém”, disse a presa.